

BELEZA PLÁSTICA: A FETICHIZAÇÃO DO CORPO FEMININO COMO MERCADORIA NO ESPAÇO HETERONORMATIVO

Bruna Fernandez Guimarães Borsoi

orcid.org/0000-0002-9879-7198
Universidade Estadual Paulista (FCT/UNESP)
E-mail: bruna.borsoi@unesp.br

DOI: 10.35416/geoatos.v1i16.7287

Resumo

Busco tentar compreender como o corpo feminino se associa ao processo de produção de mercadorias com base nas transformações por cirurgias plásticas estéticas, em que transforma esse corpo em um fetiche socialmente construído pelo espaço heteronormativo. Os processos que ocorrem em um corpo são processos seletivos. Exigindo-se que certos corpos, certas pessoas, certos sexos e gêneros recebam tratamentos sociais diferenciados. Sendo as mulheres que mais sofrem com esses processos, relacionando-se ao consumo de cirurgias plásticas, o número cresce a cada ano. Apenas em 2016 mais de 8 milhões de procedimentos estéticos cirúrgicos e não cirúrgicos de acordo com a International Society of Aesthetic Plastic Surgery (ISAPS). Visto esses processos, percebe-se também mudanças nas questões relacionadas a saúde-doença dessas pessoas. Trago aqui diversos questionamentos com o intuito de provocar o pensamento crítico e reflexões acerca do tema.

Palavras-chave: Geografia da saúde, gênero, cirurgia plástica, fetichização, processo saúde-doença.

PLASTIC BEAUTY: THE FETICHIZATION OF THE FEMALE BODY AS MERCHANDISE IN HETERONORMATIVE SPACE

Abstract

I seek to understand how the female body is associated with the process of production of goods based on transformations by aesthetic plastic surgery, in which it transforms this body into a socially constructed fetish for heteronormative space. The processes that occur in a body are selective processes. Certain bodies, certain people, certain sexes and genders are required to receive differentiated social treatments. As women suffer most from these processes, related to the consumption of plastic surgeries, the number grows every year. In 2016 alone more than 8 million surgical and non-surgical aesthetic procedures according to the International Society of Aesthetic Plastic Surgery (ISAPS). Considering these processes, we can also notice changes in the issues related to health-disease of these people. I bring here several questions in order to provoke critical thinking and reflections on the subject.

Key words: Health geography, gender, plastic surgery, fetishization, health-disease process.

BELLEZA PLÁSTICA: LA FETICHIZACIÓN DEL CUERPO FEMENINO COMO MERCADERÍA EN EL ESPACIO HETERONORMATIVO

Resumen

Busco entender cómo el cuerpo femenino está asociado con el proceso de producción de bienes basados en transformaciones mediante cirugía plástica estética, en el cual transforma este cuerpo en un fetiche socialmente construido para el espacio

heteronormativo. Los procesos que ocurren en un cuerpo son procesos selectivos. Ciertos cuerpos, ciertas personas, ciertos sexos y géneros están obligados a recibir tratamientos sociales diferenciados. Como las mujeres sufren más de estos procesos, relacionados con el consumo de cirugías plásticas, el número crece cada año. Solo en 2016, más de 8 millones de procedimientos estéticos quirúrgicos y no quirúrgicos según la Sociedad Internacional de Cirugía Plástica Estética (ISAPS). Teniendo en cuenta estos procesos, también podemos notar cambios en los problemas relacionados con la salud y la enfermedad de estas personas. Aquí traigo varias preguntas para provocar pensamientos críticos y reflexiones sobre el tema.

Palabras-clave: Geografía de la salud, género, cirugía plástica, fetichización, proceso salud-enfermedad.

*Fantástica
Beleza plástica
Da sutileza à perfeição
Tanto talento, merece consagração*

(Samba Enredo: “No universo da beleza, Mestre Pitanguy”. Caprichosos de Pilares, 1999)

Introdução

Quando proponho aqui, iniciar este artigo com a epígrafe do Samba Enredo da Caprichosos de Pilares do Carnaval de 1999 no Rio de Janeiro, que levava como tema do desfile “No universo da beleza, Mestre Pitanguy”, estou nesse momento, tentando provocar a todas e todos leitores, inclusive eu, sobre qual beleza e qual perfeição de que falavam?

Paremos para pensarmos juntos.

No Final da década de 90 um novo milênio se aproximava da humanidade, em fevereiro, no carnaval brasileiro, uma Escola de Samba decidiu entrar no desfile com o tema cirurgias plásticas. Parecia ser naquele momento, um grande ponto a ser homenageado, o famoso cirurgião plástico brasileiro Ivo Pitanguy e seus trabalhos manuais.

A localização, nada mais era do que, a cidade de Rio de Janeiro, na costa brasileira, com grandes e belas praias no qual todo brasileiro já ouviu falar, como Copacabana e Ipanema, o Cristo Redentor, o Pão de Açúcar, corpos esculturais, esbeltos, mostrando-se ao mar e queimados ao sol, no verão brasileiro.

Quando nos situamos no espaço e no tempo, podemos parar e olhar para representarmos os acontecimentos. Olhando para trás também podemos perceber quais questões atuais ainda são permeadas por esse passado. Aqui, vemos um endeusamento ao cirurgião plástico, como o homem enviado, um ‘Deus’ que irá moldar os corpos transformando-os em perfeitos, mas que só conseguirão atingir essa perfeição a partir de cirurgias plásticas.

Mirian Goldenberg (2007) analisou que o Rio de Janeiro nos anos 90 era o lugar dos corpos esbeltos e esculturais que estavam ali para ser vistos e que a beleza estava associada a desnudação desse corpo nas famosas praias da cidade. Para o brasileiro o Carnaval também era uma dessas representações. O corpo nu era e é aceito nessas duas condições, mas para realmente ser aceito é necessário que esse corpo passasse uma imagem, considerada, perfeita.

É na década de 90 que a cirurgia plástica estética atinge seu glamour e aceitação pública. Percebe-se então, que a Caprichosos de Pilares apenas reproduziu aquilo que estava no auge, porém ao entendermos que disso não existe glamour e sendo apenas um processo perverso que ocorre a centenas de anos, percebemos que esse samba enredo nada mais representa o que hoje muitos ainda acreditam e tentam impor.

Mas continuemos a nos indagar. E agora, que corpo é esse que merece ter beleza e perfeição pelas mãos do grande cirurgião? A própria Caprichosos de Pilares ao iniciar seu samba nos responde:

*“Criando e modelando a natureza
As mãos do arquiteto aqui estão
No universo da beleza, o jardim da inspiração
Doando aos homens o valor do seu cinzel
Do barro a vida uma dádiva do céu
De Afrodite à Oxum negra do amor
Todas as gueixas tem um encanto sedutor”*

(Samba Enredo: “No universo da beleza, Mestre Pitanguy”. Caprichosos de Pilares, 1999, grifo da autora).

Após essas provocações, podemos refletir por todas essas questões e levantamentos que propus. Acho que devemos entender assim: o que uma música e um desfile de Escola de Samba pode representar?! Não apenas uma comemoração de carnaval, mas toda uma questão cultural, social, econômica e política, que podem ser encontradas no Brasil, como também mundo afora. Por isso, aqui, propus e continuarei a propor questões. Acredito que o tempo e o espaço podem nos trazer grandes respostas para entendermos nossa atualidade e por assim dizer, os problemas. Creio que até esse momento, todos puderam pensar nas respostas que iniciei nesse texto, sendo apenas uma ponta da qual pretendo continuar dissertando.

Essa Introdução tem como base, quebrar algumas formas estruturais de pensamento e escrita comuns à textos científicos, por isso, a ideia de iniciar e finalizar meu texto com a chamada de um samba enredo. Tento aqui trazer essa citação como uma crítica que o leitor deva se atentar para compreender o objetivo geral do texto, pois existem diversas formas de se iniciar um pensamento e finalizá-lo. Quebrems as regras juntos, para irmos além do que está posto.

A questão do endeusamento do cirurgião plástico, a questão do corpo feminino e a valorização das cirurgias plásticas são os pontos principais que destaco aqui e são chamadas importantes no que tange esse texto.

Esse trabalho tem como o intuito continuar um progresso de um pensamento que tive durante a graduação e estou levando para o mestrado como hipótese de pesquisa, e no qual, levo na vida, enquanto geógrafa e mulher e feminista. Para conseguir atingir tal intuito, escrevo esse texto buscando assim, tentar compreender como o corpo feminino se associa ao processo de produção de mercadorias com base nas transformações por cirurgias plásticas estéticas, em que transforma esse corpo em um fetiche socialmente construído pelo espaço heteronormativo.

Posto isto, acredito que o leitor possa sempre voltar (em pensamento) ao samba enredo para compreender a crítica que estará presente no texto. Dessa forma, instituo questionamentos que irão embasar minha discussão nas subseções do texto: “Como o espaço heteronormativo e as cirurgias plásticas conduzem o processo de produção de mercadorias?”; “Como o trabalho transforma o corpo em mercadoria?” e “Como o corpo é fetichizado em forma de mercadoria?”.

Nesses três questionamentos que dão base para as subseções do artigo, acompanham uma linha de raciocínio presente dentro do objetivo geral desse texto, no qual, trouxe durante toda a discussão pontos para responder essas indagações. Por fim, para finalizar esse artigo entendo que as respostas já foram dadas aos leitores e por isso, volto ao início, na discussão sobre o samba enredo como uma forma crítica de trazer ao leitor novos olhares e pensamentos sobre o tema.

Desejo assim, uma boa leitura para todas e todos.

Como o espaço heteronormativo e as cirurgias plásticas conduzem o processo de produção de mercadorias?

Os processos que ocorrem em um corpo são processos seletivos. Exigindo-se que certos corpos, certas pessoas, certos sexos e gêneros recebam tratamentos sociais diferenciados. Para entendermos isso, precisamos discorrer sobre as questões do corpo natural e biológico. Esse corresponde a um sexo que é pré-determinado. Já ao considerarmos o gênero, devemos entender que existe uma diversidade de construções (BUTLER, 2018) sociais, culturais, políticas e outras que se encontram em uma pessoa. Com isso podemos ver como se distingue e também se normalizam os corpos em uma sociedade.

Ao tratar de corpos modificados por cirurgias plásticas, entendo que esses corpos, do sexo e gênero feminino -aqui, as mulheres-, são corpos muitas vezes que se pré-determinam pelas questões heteronormativas¹. Certamente, os corpos femininos são tratados a partir de funções sociais pré-estabelecidas por normas. Enquanto socialmente construídos, estes corpos sofrem dos processos econômicos, políticos, históricos e culturais. Joseli Silva (2013) discorre que são representações do próprio espaço, por serem matéria e ocuparem um espaço e estando sujeitos a processos de saúde-doença.

Mirian Goldenberg (2005) afirma que ocorre uma construção cultural do corpo e que, ao mesmo tempo que se valorizam atributos e comportamentos, desvalorizam-se outros, gerando assim, socialmente, um corpo típico. Reproduzindo a “sua relação social, biológica e física no espaço no qual a pessoa está inserida. O indivíduo retrata no corpo o que é socialmente imposto, transformando-o numa extensão do espaço social que o produziu” (BORSOI, 2019, p.2).

O corpo feminino é um dos corpos que mais sofrem com os processos apresentados, por serem tratados socialmente como um objeto de funções para os homens. Isso porque, estamos inseridas e inseridos em uma cultura e sistema político do patriarcado, na qual está estruturado todo um pensamento heteronormativo e machista². Tanto como

¹ “A heteronormatividade é um conjunto de prescrições que fundamenta processos sociais de regulação e controle, até mesmo aqueles que não se relacionam com pessoas do sexo oposto. Assim, ela não se refere apenas aos sujeitos legítimos e normalizados, mas é uma denominação contemporânea para o dispositivo histórico da sexualidade que evidencia seu objetivo: formar todos para serem heterossexuais ou organizarem suas vidas a partir do modelo supostamente coerente, superior e “natural” da heterossexualidade” (MISKOLCI, 2009, p.156-7).

² “O machismo é um discurso de desigualdade. Consiste na discriminação baseada na crença de que os homens são superiores às mulheres” (GARCIA, 2015, p.18).

pensamento quanto espaço, a heteronormatividade, impõe normas sobre as pessoas. O espaço heteronormativo parte das questões de poderes presentes nos processos do espaço geográfico (BORSOI, 2018). Portanto, para se adequarem a cultura dominante, dentro do processo histórico, corpos se (trans)formam dia a dia para que sejam aceitos, carregando símbolos que os posicionam socialmente (GOLDENBERG, 2005). Encontramos nos produtos, na mídia, revistas, internet, academias e procedimentos estéticos os diversos tipos de mudanças que um corpo pode e deve sofrer para se encaixar nessas normas sociais vigentes. Inferimos que “o corpo de muitas mulheres de hoje [...] é um corpo controlado, mutilado...” (Ibdem, p.79).

A Geografia, especificamente da Saúde, tem olhado este processo. Como explicita Raul Guimarães (2019) ao se pensar a saúde e a relação do espaço/natureza, deve-se pensar a “relação a partir das características do meio impõe uma série de condições que conformam a saúde como espaço, numa unidade complexa e indissociável dos componentes físicos, biológicos e sociais” (p.125). Nessa perspectiva, Rosa Fonseca (1997) argumentou que o processo saúde-doença é determinado pelas funções de consumo e do processo de reprodução social, ambos vistos a partir de um padrão que cada sociedade re-produz, no ponto de vista das classes, criando-se modelos de desgastes e potencialidades, podendo ser negativos como no sentido de adoecimento, ou positivos, no sentido de sobrevivência.

Mostra-se para nós, pesquisadoras e pesquisadores, que existe um limiar entre o processo de saúde-doença e a questão das normas heteronormativas nos corpos de mulheres. Esse é um processo imposto, rigorosamente, para diferenciá-los e rebaixa-los perante o outro sexo e gênero, o do homem/masculino.

Silvia Federici (2017; 2019) ao estudar a questão da caça às bruxas na Idade Média com o surgimento do capitalismo, reconhece que o sistema se apoiou na grande degradação da mulher na sociedade, argumentando que o ataque contra as mulheres vem, sobretudo, da necessidade de o capital destruir o que não consegue controlar e degradar aquilo de que mais precisa para sua reprodução. “Trata-se do corpo das mulheres, pois, mesmo nessa era de superautomação, nenhum trabalho e nenhuma produção existiria a não ser como resultado de nossa gestação” (Federici, 2019, p.140). Assim para o disciplinamento do corpo da mulher, reconhecido como um corpo rebelde, foi preciso violentar e amedrontar toda uma classe, visto que a reprodução humana, principal fonte de trabalho, só ocorre por meio de um útero.

Na mesma linha, Heleith Saffioti (2013) discute que é por isso que não se pode compreender as questões de submissões entre gêneros e sexos de forma individual, pois devemos entender que as relações sociais, políticas e espaciais ocorrem diferentemente para cada sujeito, conforme se coloca diante da sociedade. Diante disto, afirmo que existe um medo da exclusão social, pois o corpo feminino veio sofrendo por séculos, como afirma Frederici, com a exploração para a acumulação do capital, e isso, é um disparador para uma mudança corporal do próprio ser (BORSOI, 2018), sendo assim, a mulher busca na cirurgia plástica um processo de mudança corporal, acumulado durante séculos, no qual serve especificamente para o controle social de seu corpo e classe. Quando entendemos que “a doença encontra-se imersa numa teia social em que todos negociam constituição do objeto médico e a direção do corpo material” (ALMEIDA FILHO, 2011, p.82), compreendemos que a cirurgias plásticas estéticas, correspondem diretamente com os processos de saúde-doença.

Para se pensar a cirurgia plástica estética, devemos nos atentar para as questões que circundam esse procedimento, no qual a heteronormatividade presente na sociedade e no espaço, enquanto normas e formas estruturais de poder, utiliza esse procedimento como ferramenta para as mudanças corporais das pessoas, para que elas se encaixem nos padrões.

Sendo assim, os dados apresentados pela *International Society of Aesthetic Plastic Surgery* (ISAPS) demonstram que o número da clientela feminina se destaca em comparação ao do número de homens que buscam mudarem seus corpos. Independentemente do tipo de procedimento, cirúrgicos ou não cirúrgicos, a busca pela transformação corporal no modelo vigente é alta e atinge diferentes gêneros e sexos de diferentes formas, das quais essas pessoas podem escolher o tratamento que irão satisfazê-las.

É notório o número de procedimentos estéticos que mulheres realizaram no mundo, chegou a ser mais de 20 milhões no ano de 2016³. Por outro lado, a população masculina tinha pouco mais de 3 milhões de procedimentos efetuados neste mesmo ano. Já os procedimentos cirúrgicos realizados por mulheres eram de um total de 8,810,717 procedimentos, enquanto o número para a população masculina não chegava a 2 milhões.

Evidencia-se que existe um mercado médico envolvido diretamente na busca por aperfeiçoamento de técnicas e uma grande produção de serviços para atender essa demanda

³ Dados recolhidos em ISAPS Global Statistics: Disponível em: <<https://www.isaps.org/medical-professionals/isaps-global-statistics/>> acesso em 18 de abril de 2018.

pela busca de procedimentos estéticos cirúrgicos e não cirúrgicos, sendo que, o número de cirurgias plásticas constitui parte dessa representação na busca e na oferta de serviços e produtos estéticos (BORSOI, 2016).

Dito isso, não me preocupa aqui definir quais aperfeiçoamentos e técnicas que desenvolvem nesse mercado médico, mas compreender como esse processo produtivo englobou os corpos femininos transformando-os em uma mercadoria que a sociedade consome, e como o espaço heteronormativo acompanha e dita esse processo.

Por isso entendo que a heteronormatividade não está presente só nas questões culturais e sociais, mas que exista um espaço heteronormativo, que impõem regras como forma de dominação e questão de poder, dentro de um sistema capitalista que classifica e desclassifica corpos femininos, para manter-se em uma estrutura.

Os grupos dominantes (tendo como referente o homem, branco, ocidental) estão aptos a tomar sua posição como sujeitos desincorporados [...] Essa abordagem tem evidenciado os espaços de dominação e de possibilidades ... (SILVA, 2013, p.30).

O corpo é espaço, como Joseli Silva (2013) já nos disse, mas devemos entender a partir de Natália Alves (2010) que é o corpo feminino, também espaço, que integra cultura e política, sendo “uma escala construída a partir de relações sociais e espaciais”, por isso que os autores Ana Azevedo, José Pimenta e João Sarmiento (2009) ao discutirem as questões geográficas e culturais que existem em um corpo, argumentam que a “representação cultural do corpo pode ser perspectivada de diversas formas”(p.20) sendo que “cada retrato e cada discurso sobre o corpo é sempre resultado da ideologia e política reinantes, ora celebrando-as ora contestando-as” (p.21)

Se o corpo é espaço e a saúde também, como argumentou Raul Guimarães (2019), devemos assim nos perguntar como um corpo que é transformado diariamente pode fazer saúde, e como um corpo pode se resignificar nessa luta diária ao fazer sua saúde? Deixo aqui essa pergunta, mas não para ser solucionada, mas para refletirmos juntos em nosso âmbito enquanto pesquisadores, leitores e pessoas que estão inseridas em um espaço, em um sistema capitalista e patriarcal, entendendo que as diferenças corporais representadas em cada sujeito ocorrem “porque é sobre o corpo que convergem interesses sociais, econômicos e acumula uma série de práticas e de discursos” (ALVES; PEDROSO; GUIMARÃES, 2019, p. 16).

Posto isso, podemos entender que é nesse espaço heteronormativo -com regras, normas e padrões- e as cirurgias plástica - como produto para consumo- que impõe todas

esses instrumentos de dominação aos corpos femininos. É esse conjunto de situações que faz o corpo feminino se associar e acompanhar ao processo produtivo de mercadorias.

Para entendermos a produção de mercadorias e como o corpo se transforma em tal precisamos estender esse pensamento para a acumulação da força de trabalho de cirurgiões plásticos para a produção de objetos.

Como o trabalho transforma o corpo em mercadoria?

“Na cirurgia o corpo é "trabalhado" pelas mãos de outro” (EDMONDS, 2007, p.235)

Dando continuidade na discussão, precisamos entender como o corpo foi englobado ao processo produtivo de uma mercadoria, para assim entender também a partir não só das questões heteronormativas, mas a partir de todo um conjunto de fatores que os corpos femininos são expostos e compreender como ele veio sendo construído e transformado.

Quando uma pessoa se pré-dispõem a entrar em um processo cirúrgico estético, ela se insere em um processo não só médico, mas em um processo econômico e produtivo do mercado de cirurgias plástica. Um cirurgião plástico é um ser social que trabalha, e seu trabalho corresponde a aplicar sua força de trabalho nos corpos de pessoas para transformá-los. A vista disso, no mercado médico o corpo se insere na produção a partir do trabalho que os cirurgiões produzem naquelas pessoas.

Karl Marx (2017) discorre que o trabalho é um processo entre os homens (pessoas) e a natureza e que esse processo faz com que o próprio homem (pessoa) se modifique por meio da sua força de trabalho, colocando valor ao seu trabalho no final desse processo, transpondo-se na própria mercadoria, o trabalho morto. Sendo assim, “para incorporar seu trabalho em mercadorias, ele tem de incorporá-lo, antes de mais nada em valores de uso, isto é, em coisas que sirvam à satisfação de necessidades de algum tipo” (MARX, 2017, p.255). Logo o médico, insere sua força de trabalho nos procedimentos cirúrgicos, no caso o trabalho vivo, produzindo uma mercadoria (objeto) no qual representado aqui pelo corpo feminino.

Como discorri acima, o valor de uso que Marx traz em seu estudo, na mercadoria, para nós, no corpo, é o valor imposto pelos homens da afamada heteronormatividade. Naomi Wolf (2018) discorre que os ideais de beleza são consequência de algo para servir à

alguém e um projeto, em que traz lucros, deduzindo-se assim que “o ideal [...] também servia a um fim político”, que também veio sendo representado pelos homens nos últimos séculos.

Para ter qualidade de uso, uma mercadoria deve em si ter valor. Marx traduziu esse valor como uma natureza de necessidades do ser humano. Quando compreendemos que os procedimentos estéticos se encontram em um patamar social de valorização e que a causa e relação do efeito de se submeter à um procedimento é supervalorizado, podemos aqui compreender também, como esse corpo transformado em mercadoria a partir dessas cirurgias, possuem grande valor dentro da própria cultura, da economia e sociedade.

Ao mesmo tempo que se banaliza esses procedimentos cirúrgicos, por conta do acesso e da exposição midiática, inflaciona-se o mesmo por ser aceito e por satisfazer uma necessidade considerada humana. No qual sabemos que não é!

A busca por procedimentos para mudar corpos é uma construção cultural como Leal, Catrib, Amorim e Montagner (2010) indicam. É “nessa busca da adequação aos padrões socialmente construídos e potencializados pelos meios de comunicação, estabelecidos pela valorização da estética, tem-se preterido a própria saúde” (p.78).

Nas questões de saúde-doença, o espaço geográfico deve ser tomado não só como forma de estratificação física, mas, como base da formulação de políticas de saúde para o desenvolvimento da qualidade de vida dos cidadãos. É por isso que [...] as marcas inscritas no corpo integram a saúde e o gênero enquanto expressão da produção social do espaço (ALVES; PEDROSO; GUIMARÃES, 2019, p. 16).

Enquanto valor de uso social, como Mirian Goldenberg (2005) analisa em seu trabalho, e como valor dentro de um processo econômico, o corpo, o sexo e o gênero perpassam concomitantemente por diversas construções sociais e espaciais.

Como o corpo é fetichizado em forma de mercadoria ?

“O corpo torna-se, também, capital, cercado de enormes investimentos (de tempo, dinheiro, entre outros)” (GOLDENBERG; RAMOS, 2007, p.9)

Ao pesquisar o significado de fetiche⁴ o dicionário nos dá duas definições: “objeto a que é prestada adoração ou que é considerado como tendo poderes sobrenaturais” e “objeto, parte do corpo ou tipo de comportamento que provoca excitação sexual”. Já na

⁴ [Significado de Fetiche. Dicionário do Aurélio Online, 2019. Disponível em: <https://dicionariodoaurelio.com/fetiche>. Acesso em: 24 de Jul. de 2019.](https://dicionariodoaurelio.com/fetiche)

pesquisa para fetichismo⁵ temos três definições: “culto e prática de feitiços”; “culto ou adoração a uma pessoa ou a uma ideia” e “interesse sexual por fetiches”.

Analisemos juntos esses significados e o que melhor se encaixa em nossa discussão.

Discorrendo sobre as questões do espaço heteronormativo, posso dizer para pensarmos que o fetiche se traduz, aqui para nós, como algo ou parte do corpo feminino que os homens sentem atração sexual e assim prestam adoração a essa parte em específico, como se o corpo fosse literalmente um objeto.

Agora ao tratarmos de fetichismo, o que melhor se enquadra nesse trabalho é questão de adoração e culto a uma ideia ou pessoa. Que ao trazer novamente a discussão do espaço heteronormativo, podemos entender que existe um culto ao corpo como analisa Mirian Goldenberg (2005) e um mito a beleza como diz Naomi Wolf (2018).

Mas também existe uma terceira concepção do conceito de Fetichismo, que o próprio Marx (2017) se apropria para fazer sua análise do sistema capitalista e das mercadorias. Para ele o caráter fetichista provém de questões sociais inseridas nos objetos, frutos do trabalho humano, um caráter que vai além da questão de valor de uso da mercadoria, é “apenas um relação social determinada entre os próprios homens que aqui assume, para eles, a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas” (p.147).

Com isso, ao entender que o corpo da mulher é transformado a partir da força de trabalho morto e é objetificado no sistema e na sociedade podemos afirmar que existe uma fetichização pela mercadoria-corpo. A objetificação do corpo feminino é feita a partir das práticas médicas e da beleza ideal, que é transposta a partir de uma beleza socialmente construída.

Marx inicia O Capital discorrendo que “a riqueza das sociedades onde reina o modo de produção capitalista aparece como uma “enorme coleção de mercadorias”, e a mercadoria individual como sua forma elementar”. Dessa maneira,

Uma economia que depende da escravidão precisa promover imagens de pessoas escravizadas que “justifiquem” a instituição da escravidão [...] A economia contemporânea depende neste exato momento da representação das mulheres dentro dos limites do mito da beleza. (WOLF, 2018, p.37).

Ao entendermos que o corpo é visto como uma mercadoria e objeto, podemos entender o que o Naomi Wolf (2018) diz a respeito dessa economia escravista, na qual ela

⁵ [Significado de Fetichismo. Dicionário do Aurélio Online, 2019. Disponível em: <https://dicionariodoaurelio.com/fetichismo>. Acesso em: 24 de Jul. de 2019.](https://dicionariodoaurelio.com/fetichismo)

relaciona a questão de mulheres serem ‘escravizadas’ a um mito dentro de um sistema econômico.

Bru (2006) ao discorrer sobre as questões do corpo como mercadoria nos indica que existem diferentes formas da economia se apropriar de corpos femininos e infantis. Disso, entendemos que o fetiche que existe por trás do desejo sexual masculino é comercializado não só na forma material do corpo de mulheres, mas também na imagem e ideário desse corpo. A autora traz em seu texto questões como a venda de pornografia, a imagem e identidade vendida pelo mercado, escravização e tráfico de seres humanos, a prostituição e a reprodução artificial. Todos esses temas fazem parte do que a autora considera ser as formas de mercantilização do corpo, no qual, com base na teoria foucaultiana de que *“la articulación de instancias materiales y simbólicas que, a lo largo de nuestra historia, han hecho posible y han convertido en ‘acceptable’ el hecho de que el cuerpo- los cuerpos de los seres humanos- hayan tomado el carácter de mercancías”* (p.468).

O processo de fetichização da mercadoria se converge no corpo feminino a partir das normas sociais e culturais impostas na busca por uma estética perfeita, acumulando procedimentos cirúrgicos para se adequarem ao contexto social.

Conclusões

É nessa construção cultural, social, econômica, política e histórica dos seres humanos, fez com que o corpo, em especial o feminino, venha sofrendo com diversos processos e sendo transformado diariamente até chegar no que entendemos hoje, uma mercadoria e objeto.

Logo é no espaço heteronormativo que dita as normas culturais e sociais para esses corpos, mas também, é no processo de produção de mercadorias, no sistema econômico, que condiciona ao mesmo tempo essas normas. Assim ambos existem e se executam concomitantemente.

Quando Raul Guimarães (2019, p.23) diz que “ser geógrafo e geógrafa da saúde é ser um geógrafo e geógrafa preocupados com a vida das pessoas. Preocupado em desenvolver uma Geografia na perspectiva das pessoas”, venho aqui indagar-lhes a parar e pensar nesses processos, que constituem os diferentes corpos e propor uma nova visão. Não estou inventando a roda, longe de mim, mas acredito que estou aqui fazendo e ajudando-a a girar.

Quando inicio esse texto com uma parte do Samba Enredo da Caprichosos de Pilares, estou aqui, acredito eu, fornecendo pontos para você leitor compreender que não é atual essa discussão, como não é atual esse processo, e são esses que atingem os corpos femininos diariamente. Paremos e refletimos.

Como disse, a cirurgias plástica estética é apenas uma das ferramentas. Devemos nos atentar a todas. Em suma devemos estar preocupadas e preocupados com a vida das pessoas, pois além de fazermos parte desse espaço, dividindo diariamente esses processos, temos a opção de estudá-los, entendê-los e criticá-los para tentar trazer algo melhor, para nós e para os outros.

Agradecimentos

“O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil”.

Referências

- ALMEIDA FILHO, N. **O que é saúde?** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011.
- ALVES, N. C. A cidade inscrita no meu corpo: gênero e saúde em Presidente Prudente- SP. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia Presidente Prudente: [s.n.], 2010.
- ALVES, N. C; PEDROSO, M. F; GUIMARÃES, R. B. Corpos que falam: interpretações geográficas entre saúde, gênero e espaço. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, n. 41, v. 3, Dossiê “Geografias interseccionais: gênero, raça, corpos e sexualidades” p. 09-24, jul-dez, 2019.
- AZEVEDO, A. F. de; PIMENTA, J. R.; SARMENTO, J. As geografias culturais do corpo. In: AZEVEDO, A. F. de; PIMENTA, J. R.; SARMENTO, J. (Orgs.) **Geografias do Corpo: ensaios de Geografia Cultural**. Porto: Figueirinhas. 2009. p. 11-30
- BORSOI, B. F. G. A distribuição espacial de cirurgias plásticas no Brasil e a mercantilização do corpo. In: **VXIII ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS**, 2016, São Luis- MA. Cidade/Urbano, 2016.
- BORSOI, B. F. G. O espaço heteronormativo e transformação do corpo pela cirurgia plástica em meninas do ensino médio de Presidente Prudente- SP. In: **XIX ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS**, 2018, João Pessoa. Cidade/Urbano, 2018.
- BORSOI, B. F. G.; GUIMARÃES, R. B. Impactos sociais das cirurgias plásticas e a saúde de meninas jovens no Brasil. In: **IX SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA DA SAÚDE**. Blumenau-Santa Catarina, 2019.
- BRU, J. El cuerpo como mercancía. In: NOGUÉ, J; ROMERO, J. **Las otras Geografías**. 1ed. Valencia: Tirant Humanidades. 2006
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 16ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

- EDMONDS, A. No universo da beleza: Notas de campo sobre cirurgia plástica no Rio de Janeiro. In: . Goldenberg (org.). **Nu & vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. 2ed. Rio de Janeiro: Record, 2007
- FEDERICI, S. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. Tradução: coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017. 464p.
- FEDERICI, S. **Mulheres e a caça às bruxas: da Idade Média aos dias atuais**. Tradução Heci Regina Candiani. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2019.
- FONSECA, R. M. G. S. da. Espaço e gênero na compreensão do processo saúde-doença da mulher brasileira. **Rev.latino-am.enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 5, n. 1, p. 5-13, janeiro 1997.
- GARCIA, C. C. **Breve história do feminismo**. São Paulo: Claridade, 3ª edição. 120p. 2015.
- GOLDENBERG, M. Gênero e corpo na cultura brasileira. **Psicol Clin**. Rio de Janeiro. v. 17, n. 2, p. 65-80, 2005.
- GOLDENBERG, M.; RAMOS, M. S. A civilização das formas: O corpo como valor. In: . Goldenberg (org.). **Nu & vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. 2ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- GUIMARÃES, R. B. Saúde Coletiva e o fazer Geográfico. **Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente**, n. 41, v. 1, Dossiê “60 Anos do Departamento de Geografia da UNESP/FCT”, p. 119-132, jan-jun, 2019.
- LEAL, V. C. L. V.; CATRIB, A. M. F.; AMORIM, R. F.de; MONTAGNER, M. A. O corpo, a cirurgia estética e a Saúde Coletiva: um estudo de caso. **Ciênc. saúde coletiva** [online]. 2010, vol.15, n.1, pp.77-86. ISSN 1413-8123. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232010000100013>>
- MARX. K. **O capital: crítica da economia política: livro I: o processo de produção capital**. 2 ed. São Paulo: Boitempo, 2017.
- MISKOLC, RICHARD. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**. Porto Alegre, ano 11, nº 21, jan./jun. 2009, p. 150-182.
- SAFIOTTI, H. I. B. **A mulher na sociedade de classes**. 3ªed. São Paula: Expressão Popular, 2013. 528p.
- SILVA, J. M. Corpo, corporeidade e espaço na análise geográfica. In: HEIDRICH, Álvaro Luiz; COSTA, Benhur Pinós da; PIRES, Claudia Luisa Zeferino (Orgs.). **Maneiras de ler: geografia e cultura**. Porto Alegre: Imprensa Livre/Compasso Lugar Cultura, 2013. p. 28-36.
- WOLF, N. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. 3ªed. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018.

Sobre a autora – Informações prestadas pela autora

Bruna Fernandez Guimarães Borsoi

Mestrado em Geografia Acadêmico em andamento pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista (FCT) - Campus Presidente Prudente - SP com início 2019. Possui Graduação em Licenciatura (2017) e Bacharel (2018) em Geografia pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista (FCT-UNESP). Atuante no Observatório de Geografia da Saúde e membro do Laboratório de Biogeografia e Geografia da Saúde (BIOGEOS).

Como citar esse artigo

BORSOI, Bruna Fernandez Guimarães. Beleza plástica: a fetichização do corpo feminino como mercadoria no espaço heteronormativo. **Revista Geografia em Atos (Geo Atos online)** - Dossiê “Gênero e sexualidade nas tramas geográficas: espaço e interseccionalidade” - v. 1, n. 16, p. 61-75, mar, 2020. DOI: 10.35416/geoatos.v1i16.7287

Recebido em: 29-07-2019

Aceito em: 29-01-2020